

1

Introdução

Após os atentados do dia 11 de setembro de 2001, podemos observar o uso de imagens e referências aos embates medievais entre cristãos e muçulmanos, sendo geralmente utilizados em discursos políticos e incitação de paixões religiosas. Em entrevista poucos dias após os atentados de 11 de Setembro, o presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, declarou iniciada uma “cruzada contra o terror”¹, expressão que contém um forte significado histórico. Por outro lado, as imagens divulgadas e escritos da rede terrorista mais conhecida mundialmente, a al-Qaeda², fundada e inspirada por Osama bin Laden³, utilizam uma linguagem que opera abundantemente com conceitos e termos históricos, enfatizando as ligações entre o passado medieval e o presente. Em todo o mundo, uma parte da população e dos líderes muçulmanos consideram a crise atual entre o ocidente e o mundo islâmico uma continuação das agressões sofridas pelos muçulmanos durante as Cruzadas⁴.

Um personagem histórico se destaca nesta reelaboração do imaginário cruzadístico dos dias atuais: Yussef ibn Ayyub, conhecido no ocidente como Saladino, sultão da Síria, Egito, Palestina e Iêmen durante o final do século XII, comandante responsável pela reconquista de Jerusalém para as mãos do Islã - fato deflagrador da Terceira Cruzada, liderada pelos reis Ricardo Coração-de-Leão, da Inglaterra, e Felipe Augusto, da França. Ao longo dos séculos XX e XXI, diversos grupos políticos e personalidades do mundo muçulmano invocaram o nome de Saladino: de Abdel Nasser⁵ a Saddam Hussein⁶, do Movimento de Libertação da Palestina à rede Al-Qaeda, este sultão representa atualmente uma

¹ **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 22 de setembro de 2001, manchete primeira página.

² Rede fundamentalista, de estrutura descentralizada em “células” operacionais semi-autônomas, de orientação sunita wahabita.

³ Ex-combatente saudita que lutou no Afeganistão contra os soviéticos, durante a década de 1980, que tornou-se o maior símbolo do fundamentalismo islâmico nos dias atuais.

⁴ Cf LEWIS, 2003; MAALOUF, 2000 e ARMSTRONG, 2001.

⁵ Ex-presidente do Egito (1918 – 1970).

⁶ Ex-presidente do Iraque (1979 – 2003).

figura exemplar, um modelo de comportamento heróico, libertador, de um guerreiro vitorioso contra o invasor do ocidente.⁷

Devido a tantas reinvenções desta tradição que invoca Saladino, faz-se necessário analisar criticamente as origens narrativas deste mito histórico, político e religioso: qual a importância deste agente histórico no contexto medieval muçulmano? Por que este sultão é tão lembrado contemporaneamente – e qual a relação que se estabelece, hoje em dia, entre história e atualidade, neste caso? Como diversas tendências político-religiosas do Islã contemporâneo se apropriam de Saladino, moldando sua imagem conforme seus interesses e ideais? Quais os elementos históricos que fornecem subsídios para estas apropriações? Quais as diferenças narrativas entre as primeiras apropriações literárias medievais da figura de Saladino e as tradições reinventadas da contemporaneidade⁸? Para discutirmos estas questões, faz-se necessário um retorno às fontes originais do período medieval e uma outra interpretação historiográfica dos eventos ocorridos durante o tempo de Saladino⁹ (1171 – 1250) e o contexto histórico mais amplo em que estes eventos estão inseridos – a época das Cruzadas (1096 – 1291).

A partir do estudo das condições culturais e sociais do Islã, durante o tempo de Saladino, nos voltaremos para uma interpretação do pensamento, sensibilidades e os olhares dos homens deste recorte histórico. Buscaremos evidenciar as possibilidades que o Islã apresentou, historicamente, de perceber a humanidade do *Outro*, num período de conflitos armados, quando o mundo muçulmano se auto-representava como a civilização mais avançada e os considerados bárbaros eram os cristãos europeus que pilhavam e conquistavam a Terra Santa. Estaremos nos referindo a um tempo e a um espaço determinados – a região da Palestina, Síria e Egito, século XII d.C. (séculos V e VI da Hégira).

⁷ Cf. LEWIS, 2003 e MAALOUF, 2001; ambos os autores observam a utilização instrumental do passado como arma política no presente.

⁸ Seguimos o conceito de Eric Hobsbawm e Eric Ranger em *A Invenção das Tradições*, que analisa diversas tradições, de suposto passado longínquo, enquanto construções contemporâneas.

⁹ Analisaremos o recorte temporal denominado a partir daqui de “Tempo de Saladino” ao longo do segundo capítulo. Os limites temporais referem-se à duração da dinastia fundada por Yusef, a dos ayyúbidas, a partir do nome de seu pai, Ayyub. Inspiramo-nos na obra de MATTOS, I.R., *O Tempo Saquarema*, para cunhar a expressão, que indica um recorte temporal marcado pela ação de determinado grupo dirigente.

As atitudes dos sultões e emires muçulmanos neste momento específico indicavam uma tendência à aproximação do inimigo político e religioso. A fragmentação política do território da Síria entre diversos poderes, como sultões turcos, famílias árabes poderosas, seitas xiitas heterodoxas¹⁰, comunidades cristãs orientais - situação que perdurou até a unificação desses fragmentos territoriais islâmicos empreendida por Saladino - propiciava um contato cultural intenso e produtivo entre cristãos e muçulmanos, que não se limitava mais à guerra, mas também florescia no comércio, nas alianças diplomáticas e na inevitável vida em comum, na qual ficavam à mercê das mesmas limitações impostas pela natureza em uma sociedade pré-industrial.

Um registro histórico desses contatos culturais nos foi fornecido por Usamah ibn Munqidh¹¹, sírio de família aristocrática, guerreiro, poeta e homem de letras, que transitou por ambos os universos culturais, mediando relações e permitindo a possibilidade de conhecer suas atitudes e olhares perante a alteridade que se colocava. Contemporâneo e amigo de Saladino, embora de uma geração anterior, Usamah nos permite perceber um interesse pela diferença: embora considerados inferiores culturalmente, os chamados *franj*¹² são vistos com certa simpatia e admiração pelos seus dotes guerreiros e estranhamento por suas regras sociais tão diferentes das dos muçulmanos (principalmente no que se refere ao trato com as mulheres).

Para o estudo da apropriação originária da história de Saladino, utilizaremos o texto árabe denominado *al-Nawadir al-Sultaniyya wa'l-Mahasin al-Yusufiyya*, traduzido como *A Rara e Excelente História de Saladino*, de autoria de Bahaheddin Ibn Shaddad (século XII). Funcionário de Estado do sultão, Bahaheddin foi testemunha ocular de muitos acontecimentos da vida de Saladino, constituindo sua obra uma fonte inestimável para o estudo das sensibilidades e formas de pensamento de sua época.

¹⁰ Como, por exemplo, a mais conhecida delas, a seita dos Assassinos, a qual nos referiremos adiante.

¹¹ Aristocrata sírio, 1095 - 1188.

¹² “Franco”, analisaremos com mais cuidado o significado deste termo adiante. Cf. capítulo 3 deste trabalho.

1.1

A relevância do reconhecimento da alteridade

Procuraremos mostrar de que forma valores tidos como ideais da civilização, como a tolerância e o reconhecimento do Outro, foram experimentados em outros espaços e temporalidades, como no Islã medieval. As noções de civilização e barbárie deixam, portanto, nesta perspectiva, de serem categorias exclusivamente aplicadas a um período ou a uma coletividade, para serem contextualizadas e matizadas, naquilo que cada sociedade ou cultura possui de civilizado ou de bárbaro. O reconhecimento de que existe um elemento humano em comum entre cristãos e muçulmanos, mesmo no inimigo, é um dos temas presentes nos relatos do período de Saladino. Por outro lado, há uma percepção, entre os letrados árabes, de sua superioridade cultural e técnica, diferença que se mostra mais aguda, por exemplo, na comparação entre a medicina dos cruzados, com seus métodos rudes e supersticiosos e a sofisticada medicina árabe, herdeira dos ensinamentos da Antigüidade clássica.

Verificando essas narrativas sobre Saladino, podemos apontar que é necessário um esforço de distanciamento, instrumentalização e mitificação deste personagem histórico para considerar que sua imagem seja, hoje em dia, símbolo inspirador de atividades terroristas ou de movimentos nacionalistas extremistas – que são aqueles que não reconhecem, no seio de sua luta, o direito do Outro (mesmo inimigo) de ser e existir. Algumas organizações fundamentalistas e grupos terroristas realizam atualmente uma operação de apropriação da memória e dos símbolos ligados a Saladino, em nome de uma extrema intolerância religiosa e política.

Nossa hipótese é a de que essa ressignificação contraria os atos e o pensamento de um outro Saladino, este fruto de uma reconstrução historiográfica que é um dos objetivos deste trabalho: o retorno a fontes e documentos que possam exprimir a sua luta à luz de conceitos como tolerância e reconhecimento do Outro. Não almejamos produzir um discurso histórico “verdadeiro”, já que a realidade pretérita é inatingível e incognoscível em sua totalidade; mas podemos aproximar-nos de uma possível apropriação originária deste fenômeno político e

literário que fora o sultão em sua época – quais sentimentos e atitudes permearam seu tempo, e as intenções deste protagonista e daqueles que escreveram sobre ele.

É relevante, para a melhor compreensão do objeto proposto, observarmos alguns aspectos do complexo político-cultural que se formou durante os séculos das Cruzadas, a partir das alianças e querelas entre príncipes cristãos e muçulmanos, e das desavenças internas de cada lado. Podemos verificar que, muitas vezes, os interesses aristocráticos feudais e a vaidade das linhagens governantes sobressaíam-se em relação aos ideais estritamente religiosos. Religião, economia e poder misturaram-se num jogo político que transformava os inimigos de ontem nos aliados de hoje e, muitas vezes, as dissensões internas eram mais perigosas, para os que estavam no poder, do que as ameaças externas. Veremos, no segundo e terceiro capítulos, como a lógica da auto-preservação senhorial regia, mais do que filiações religiosas, étnicas e culturais, o jogo político do século XII d.C. Esta especificidade demonstra a instabilidade deste processo político e a sua interação entre seus principais agentes.

Por fim, interessa-nos também a maior divulgação da cultura e da história árabe-muçulmana como forma de nos aproximarmos de um universo pouco conhecido e alvo de preconceitos e simplificações. Pretendemos assim contribuir para o afastamento da hipótese do “choque de civilizações”, conforme a tese de Samuel Huntington¹³, que afirma que, no século XXI, os principais conflitos serão culturais, civilizacionais e religiosos, em detrimento das razões políticas e econômicas. Contrariamente a esta posição, preferimos contribuir para a “aliança das civilizações”¹⁴, tese que busca os interesses comuns e a conciliação entre as diversas culturas do planeta, que formam estruturas sócio-culturais dinâmicas e em constante mudança, afastando assim a idéia de cultura como atributo fixo e imutável.

¹³ Cf. HUNTINGTON, *O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial*.

¹⁴ Conforme o sentido dado pelo então secretário geral da ONU, Kofi Annan, no discurso *A Aliança das Civilizações*. Istambul, 12 de fevereiro de 2007: “(...) a idéia de uma aliança das civilizações não poderia chegar em melhor hora, visto que não vivemos em mundos diferentes, como acontecia com nossos ancestrais. As migrações, a integração e a técnica têm aproximado as diferentes comunidades, culturas e etnias, fazendo cair velhas barreiras e desvendando novas realidades. Nós vivemos como jamais seria possível antigamente, lado a lado, submetidos a várias influências e idéias diferentes”.

1.2

Observações acerca do tratamento com as fontes

Neste trabalho iremos utilizar fontes documentais do período medieval, privilegiando os historiadores e cronistas árabes do período, além de crônicas ocidentais sobre as cruzadas, conforme o caso. Os dois textos a que mais nos referiremos são relatos em primeira pessoa de eventos dramáticos e anedóticos. Os historiadores devem ter, sempre, cautela perante tais relatos, uma vez que a tradição de narrativas inventadas ou moralistas é uma tentação para os historiadores e cronistas do passado, desde Heródoto¹⁵ e Tucídides¹⁶.

A historiografia islâmica medieval está repleta de narrativas em primeira pessoa, no entanto, a maioria destes textos são datados de décadas ou séculos após os eventos relatados. Muitos destes contos são implausíveis historicamente, outros são improváveis de confirmação através de fontes confiáveis, e outros ainda se repetem com variações em diversos textos, podendo portanto corresponder a um tema literário.

A historiografia européia, durante o século XIX, utilizou livremente estes textos enquanto discursos “verdadeiros”, tendo como pressuposto a idéia de uma relação direta entre verdade e história, que seria a ciência de reconstituição dos fatos passados através da exegese documental.

A partir das mudanças ocorridas na historiografia no século XX, que redefiniu a noção de documento histórico e as formas de questioná-lo, os textos medievais árabes passam a ser lidos como indicadores de seu tempo, como pistas para o passado biográfico e o ambiente social do escritor, e não do narrador. Muitos dos detalhes narrativos descritos nestes documentos foram comprovados como inverídicos, tendo a possibilidade de revelar uma mentalidade ou um tipo de

¹⁵ Historiador grego de Helicarnasso, 485 – 420 a.C., autor de *História*, considerada a obra inaugural da historiografia ocidental.

¹⁶ General e historiador ateniense, 460 – 400 a.C., autor de *História da Guerra do Peloponeso*.

pensamento, enquanto outros tiveram sua veracidade tida como bastante provável, devido aos cruzamentos entre diferentes textos e os registros arqueológicos.¹⁷

Os documentos que iremos trabalhar são, em sua maioria, do segundo tipo, o que nos confere uma dupla satisfação, pois além de serem indicadores precisos do seu tempo, foram escritos por pessoas cuja biografia e existência estão relativamente bem comprovadas e que foram possivelmente testemunhas oculares da maioria dos eventos relatados. Seus autores, conforme veremos adiante, foram homens letrados e cultos, sofisticados e críticos, e ocuparam altos cargos junto à administração do Estado.

Portanto, as chances dos acontecimento serem verídicos são razoáveis, embora não seja nosso objetivo a reconstituição de uma realidade histórica objetiva, que é sempre intangível pelo seu desaparecimento. Os discursos analisados não são “verdadeiros” no sentido ontológico do termo, e sim apropriações originárias de um determinado recorte da realidade. São discursos transformadores que irão interagir com a sociedade em que estão inseridos – são especialmente dirigidos à geração seguinte a dos autores, para que a memória dos tempos áureos de sua juventude não se apagasse. Segundo Usamah ibn Munqidh, cronista do século XII, “*perder o tempo de alguém para relatar fábulas é uma das piores calamidades que pode acontecer com uma pessoa*”¹⁸.

Há ainda a questão da tradução dos manuscritos originais medievais para a língua inglesa, lembrando o contexto e as finalidades destas traduções, a partir da constatação do grande interesse político e estratégico dos países anglo-saxões (E.U.A. e Reino Unido) na cultura e história dos povos árabes - desde o imperialismo dos séculos XIX e XX, passando pela guerra fria e a atual “guerra ao terror”. Cabe a observação da não-existência dessas obras traduzidas do árabe medieval diretamente para o português, fato lamentável quando nos lembramos das intensas relações lingüísticas e culturais entre portugueses e muçulmanos na Península Ibérica medieval.

¹⁷ Cf. Bulliet, Foreword. Separata de IBN-MUNQIDH, *Memoirs of Usamah ibn-Munqidh*.

¹⁸ IBN-MUNQIDH, *Memoirs of Usamah ibn-Munqidh*, XV.

واما الا فرغ منهم اجمعوا بعد ما قلنا منهم وقلنا ووقعوا ما قلنا فحاء
 محتوى الى رعي ائمتنا ذخرة الدولة ابو الفتح طام رحمه الله تعالى يا رعي
 معك جينتان والمثل هذا العرس الحطم طم للعلام مدم له اخصا الاحمر مدين
 له مساعه ما اسوى على ظهره في سرجه حمل على الافرج وحده ما ورجو له
 وطعنوه زقوه وطعنوا الحصان واطلبوا اقطار باهم وصاروا ركنه
 بها وعليه زديده حصينه ما يعر ما حرم فيها قضا حيا صاحبكم صاحبكم
 وحلنا عليهم فخرنا منهم عنه واستخلصناه وموسالم واما الحصان فبار
 في هذه سحان المسلم العاديه وتلك الوتعه اما كانت لسعادة جمع
 وشفاء عنه فسيحان العادل وعسى ان تكرر هو اشارة وحسن لكم
 وقد جرى لي مثل ذلك كيت بالحضرة في عسكر اباك يدعى صليو
 الى داره رعي كاي اسمه عنم قد اسلعي ودقت رقبه وكر حومه و
 تقرب معي فانا رعي له ذلك فدخل بالعله الى اصطبل ذلك الصديق هو
 وعلان الحاضر وعدا شاب ركي سكر وعلت عليه البكر فخرج الى اصطبل
 فخذت سكبه ومجم على العلمان فاهزمتوا وخرجوا وعسم لضعفه ومرض
 مد طرح السرح تحت راسه ونام فما ظم حتى خرج كل يوم في اصطبل بصره
 ذلك السدرا بالسكر بحس سربه فسور خوفه فدر اربع اصابع فوقع موضع
 بحله الذي دعلنا وهو صاحب قلعه ما سمر الى دارى رجل الذي خرج
 وهو مكوف معه الى دارى باطله مدرد الى اله اكر احي فضل ومسي بصره
 الا ان اخرج ما حرم وما زال يخرج منه من السور وما اصغر مدم بهر
 ثم حرم وصم حوته وعاد الى الصحه فكان ذلك الحرح سببا لبعثت
 وراى لوما المار دار مدد بصرى والذى رحمه الله تعالى فلو كان
 هذا البار مد لحقه حصن وموتوب وعينه الواحدة مدلف فتصد به فلا

Figura 1 – Fac-símile do manuscrito do *Kitab al’itibar* (Memórias de Usamah), guardado no Escorial, Espanha. Fonte: IBN-MUNQIDH, *Memoirs of Usamah ibn-Munqidh*.

1.3

O Caráter Mimético das Representações de Saladino

Consideraremos os relatos a serem analisados ao longo da dissertação como Mímesis, no sentido que Luiz Costa Lima confere a este conceito.

Ao mesmo tempo um documento histórico, os relatos biográficos citados, que usam Saladino como personagem, são também obras literárias, portanto *mímesis*, representações de uma realidade, que possuem como base os acontecimentos experimentados pelos autores. A elaboração dos significantes históricos num todo coerente e devidamente significado é a operação cognitiva e semântica produzida por esses autores, que pretendem marcar a sua geração e as seguintes com as memórias de um tempo de guerra e virtudes heróicas. O trabalho dos autores pretende capturar em palavras uma tradição que terá a cada leitura, um novo significado a cada nova geração que invocará o nome de Saladino e a lembrança das Cruzadas. Ao longo do tempo, possibilitou-se a criação de uma ilusão biográfica, com os fatos reais e imaginários misturando-se na construção de um mito político.

Enquanto *mímesis*, essas narrativas supõem uma realidade possível, um recorte de uma experiência que unificou a comunidade, ajudando a construir, assim, uma identidade social. Longe de ser mera imitação, o mimético aloca um significado numa situação conhecida por seus receptores, que é assim reforçada e reinventada; podemos dizer que esses escritos fundam uma lenda histórica: a de Saladino e sua luta contra os cruzados. Trata-se, portanto, de uma palavra capaz de persuadir, de fazer o leitor acreditar no seu argumento, que encerra uma autoridade, fundamentada na situação social e cultural privilegiada dos autores em suas comunidades. Segundo Luiz Costa Lima, “*a mímesis, supondo uma semelhança com o real considerado como possível, é um meio de reconhecimento da comunidade consigo mesma, ou seja, um instrumento de identidade social.*”¹⁹

¹⁹ LIMA, *Mímesis e Modernidade*.

Na relação dinâmica entre autor, obra e público receptor, nos voltaremos para as condições sócio-históricas do texto, enquanto pluralidade de estruturas de sentido historicamente construídas.

Finalmente, os conceitos não podem ter a sua própria história desconsiderada, já que os utilizaremos na análise de um período histórico remoto que, não obstante suas conexões com o presente, possui um modo de se referir e de conceituar as coisas do mundo, as idéias e os pensamentos, bastante diferente do atual. Devemos ter o cuidado em diferenciar os conceitos que utilizaremos em nossa análise daquelas categorias presentes nos textos de época, precisando os termos e indicando seus múltiplos significados. Apresentaremos, ao longo das notas de pé de página, um glossário, com o objetivo de identificar e precisar alguns termos que utilizaremos ao longo do trabalho, muitos deles transcritos da língua árabe, sem tradução direta.

Estamos neste trabalho alargando os limites da teoria da *Mímesis*, conforme originalmente formulado por Costa Lima em obras como *Mímesis e Modernidade*. O teórico da literatura refere-se, na verdade, ao contexto da antiga Grécia. Entretanto, creio ser possível a transposição de seu conceito ao trabalharmos este gênero tipicamente medieval, que tem muito em comum com o gênero dos *manaqib*, hagiografias que celebram as virtudes e excelências morais dos primeiros califas e fundadores do islã.²⁰ No trecho a seguir, Costa Lima explicita a relação entre *mímesis* e identidade social:

O produto mimético é um microcosmo interpretativo de uma situação humana. Nela, o que mais importa não é a declaração de quais os vencidos e quais os vencedores, mas o entendimento interno do que leva à porfia e à tensão. (...) Microcosmo de uma situação, ele sem dúvida se alimenta de matéria histórica, mas a configura de tal maneira que não identifica o produto com sua matéria. (...) A *mímesis*, se ainda cabe insistir, não é imitação exatamente porque não se encerra com o que a alimenta. A matéria que provoca a sua forma discursiva aí se deposita como um significante, apreensível pela semelhança que mostra com uma situação externa conhecida pelo ouvinte ou receptor, o qual será substituído por outro desde que a *mímesis* continue a ser significante perante um novo quadro histórico, que então lhe emprestará outro significado. Ou seja, se como dissemos, o produto mimético é um dos modos de estabelecimento da identidade social, ele assim funciona à medida que permite a alocação de um significado, função da semelhança que o produto mostra com uma situação vivida ou conhecida pelo receptor, o qual é sempre variável.

²⁰ Cf. RICHARDS in IBN SHADDAD, *op. cit.*, p. 4.

Trata-se, portanto, de uma palavra capaz de persuadir, de fazer o leitor acreditar no seu argumento, que encerra uma autoridade. Apontaremos alguns exemplos da função mimética de discursos passados e contemporâneos ao longo do próximo capítulo.